

Gary Embury | Mario Minichiello



Reportagem ilustrada

Do desenho ao jornalismo: princípios básicos, técnicas e recursos



Título original: *Reportage Illustration. Visual Journalism*.
Publicado originalmente por Bloomsbury Visual Arts,
um selo do grupo Bloomsbury Publishing Plc em 2018

Tradução: Alexandre Salvaterra
Preparação de texto: Grace Mosquera Clemente
Revisão de texto: Adriana Cerello
Design da capa: Toni Cabré/Editorial Gustavo Gili, SL

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode ser realizada com a autorização expressa de seus titulares, salvo exceção prevista pela lei. Caso seja necessário reproduzir algum trecho desta obra, seja por meio de fotocópia, digitalização ou transcrição, entrar em contato com a Editora.

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

Os direitos dos autores Gary Embury e Mario Minichiello para esta obra foram registrados de acordo com o Copyright, Design and Patent Act de 1988.

Esta tradução publica-se em acordo com a editora Bloomsbury Publishing, Plc

© Bloomsbury Publishing Plc, 2018
© da tradução: Alexandre Salvaterra
para a edição em português:
© Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2018

Impresso na China
ISBN: 978-85-8452-138-8
Depósito legal: B. 16077-2018

Editorial Gustavo Gili, SL
Via Laietana, 47 2º, 08003 Barcelona, Espanha.
Tel. (+34) 93 3228161

Editora G. Gili, Ltda.
Av. José Maria de Faria, 470, Sala 103, Lapa de Baixo
CEP: 05038-190, São Paulo-SP, Brasil. Tel. (+55) 11 36112443

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Embury, Gary
Reportagem ilustrada : Do desenho ao
jornalismo: princípios básicos, técnicas e recursos /
Gary Embury e Mario Minichiello ; [tradução Alexandre
Salvaterra]. -- São Paulo : Gustavo Gili, 2018.

Título original: Reportage illustration : visual
journalism.
ISBN 978-85-8452-138-8

1. Arte - Técnicas - Desenhos 2. Arte
comercial 3. Design - Artes gráficas - Ilustração
4. Ilustrações 5. Reportagem I. Minichiello, Mario.
II. Título.

18-17135

CDD-741.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Reportagem ilustrada : Design : Artes gráficas
741.6

Gary Embury | Mario Minichiello

Reportagem ilustrada

Do desenho ao jornalismo: princípios básicos, técnicas e recursos



1 Capítulo 1

O que é o desenho de reportagem?

- 3** Os antecedentes históricos
- 5** O surgimento da reportagem e a influência do repórter-artista de guerra
- 10** A câmera e o olho
- 12** Estudo de caso: George Butler: Síria
- 16** Entrevista com Jill Gibbon



21 Capítulo 2

Materiais, técnicas e métodos

- 24** Escolhendo os materiais certos
- 31** A tecnologia e as mídias digitais
- 32** Estudo de caso: Jenny Soep: Registrando um evento ao vivo – festival de música
- 34** Exercício: Desenhando um evento ao vivo
- 36** Entrevista com Julia Midgley
- 38** Entrevista com Tim Vyner



43 Capítulo 3

Desenvolvendo uma linguagem visual

- 44** As abordagens individuais
- 50** Estudo de caso: Jedidiah Dore: Documentando a cidade de Nova York
- 52** Estudo de caso: Sue Coe: O Parque Natural dos Elefantes, Tailândia
- 55** Exercício: Desenvolvendo sua linguagem visual própria
- 56** Entrevista com o grupo de artistas-repórteres First Hand
- 60** Entrevista com Olivier Kugler



69 Capítulo 4

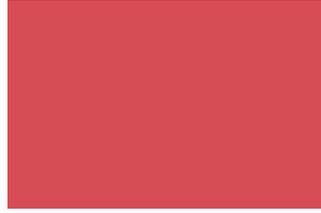
Como começar

- 71** Resolvendo a logística
- 71** Orçamentos
- 73** Calculando prazo de entrega e despesas
- 74** O primeiro dia
- 77** Trabalhando com as pessoas
- 79** Incluindo o contexto
- 80** Conselhos de campo
- 82** Estudo de caso: Gary Embury: O projeto das bicicletas de Bristol
- 84** Entrevista com Lucinda Rogers
- 88** Entrevista com Jenny Soep

**93 Capítulo 5**

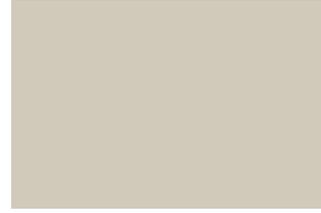
Criando um senso de lugar

- 94** Estudo de caso: Veronica Lawlor: Restauro do Charles W. Morgan
- 96** Diretrizes para desenhar in loco
- 100** Estudo de caso: Luisa Crosbie: Camarim do Her Majesty's Theatre, Londres
- 104** Estudo de caso: Anne Howeson: O desenho e a memória
- 108** Entrevista com Bo Soremsky

**113 Capítulo 6**

Criando uma narrativa

- 114** Usando o ambiente para contar uma história
- 116** Desenvolvendo a história
- 116** Esboçando sua história
- 120** Entrevista com Louis Netter
- 124** Entrevista com Chloé Regan
- 127** Exercício: criando uma história de um ponto de vista fixo

**129 Capítulo 7**

Tornando-se um jornalista visual

- 130** Criando um portfólio convencional (impresso)
- 130** Criando um portfólio digital
- 132** Editando seu portfólio
- 138** O mundo profissional
- 138** O trabalho como freela
- 138** Os impostos
- 139** Os prós e os contras
- 139** O pagamento
- 139** Conseguindo trabalho
- 139** Desenhando eventos
- 139** Trabalho comercial
- 139** Trabalhando com uma galeria
- 140** Desenvolvendo uma reputação e um histórico positivos
- 140** Telefonema direto para agendar entrevistas
- 140** Compartilhando seu trabalho
- 140** Recursos para o design de websites e as plataformas de hospedagem online
- 140** Estratégias para estar online
- 141** A estratégia
- 141** A propriedade intelectual
- 141** Entendendo seu papel e negociando um briefing
- 142** Trabalhando de modo efetivo com um briefing
- 143** Seleção da história e desenvolvimento do conteúdo do briefing
- 144** Estudo de caso: Mario Minichiello: Trabalhando para o *Weekend Financial Times*
- 146** Exercício: Desenvolvendo um briefing de ilustrações de reportagem
- 149** Conclusão
- 151** O jornalismo cidadão
- 154** Estudo de caso: O legado de Feliks Topolski
- 156** Entrevista com Martin Harrison, ex-diretor de arte sênior do jornal *The Times*

-
- 161** Apêndice
 - 161** A ética
 - 161** Contatos de organizações de apoio do mundo inteiro
 - 163** Créditos das ilustrações
 - 164** Índice

Capítulo 1

O que é o desenho de reportagem?

Este capítulo explora o panorama histórico da arte da reportagem e o modo como ela se desenvolveu até chegar à forma moderna de jornalismo visual. Contudo, primeiro precisamos definir o que seria o desenho de reportagem.

O manifesto da revista *Life*, publicado pela primeira vez em 1936, capta de várias maneiras o espírito da ilustração de reportagem.

Uma reportagem baseia-se em eventos, ou seja, ela é uma arte aplicada a questões significativas que estejam acontecendo no mundo. O ilustrador age como um característico jornalista visual que registra, por meio da arte, a dinâmica dos eventos que transcorrem. O desenho de reportagem combina esboçar a aparência de uma cena com o esforço de entender e comunicar uma história por meio da linguagem visual. Os locais em que ele é mais utilizado são: (1) salas de audiência (de um foro); (2) eventos públicos, como concertos e passeatas; (3) reportagens e investigações jornalísticas; e (4) documentários, inclusive em zonas de guerra e áreas conflagradas.

O desenho de reportagem tem muito em comum com o trabalho dos fotógrafos e cineastas. A diferença é que nele o artista ou ilustrador conta a história por meio de um imaginário registrado à mão livre. Esse processo é distinto do processo digital, químico ou mecânico de uma câmera, uma vez que o pensamento do artista é imediatamente registrado por sua mão na superfície pictórica. Esse meio extremamente tátil ajuda a formar a compreensão cinestésica do artista e seu conhecimento tático, conferindo ao profissional uma percepção e uma linguagem visual únicas. A obra de arte resultante contém idiossincrasias visuais caracterizadas por uma proximidade não encontrada no uso exclusivo das palavras. Consequentemente, o desenho de reportagem muitas vezes é utilizado para criar essa conexão e esclarecer questões difíceis e complexas.

Ver a vida; ver o mundo; testemunhar grandes exemplos em primeira mão; observar o rosto dos pobres e os gestos dos orgulhosos; ver coisas estranhas – máquinas, multidões, sombras na floresta e na Lua [...] para ver e apreciar a observação; ver e se surpreender; ver e se instruir.

– Manifesto da revista *Life*, 1936

FELIKS TOPOLSKI

Feliks Topolski nasceu na Polônia em 1907 e se mudou para a Grã-Bretanha em 1935. Ele foi um pintor e ávido desenhista cujo trabalho como repórter cobriu uma ampla variedade de temas, desde registrar o Jubileu de Prata do Rei Jorge V, em 1935, até trabalhar como ilustrador oficial da guerra contratado pelo *Picture Post* para cobrir os comboios russos e escrever, em coautoria, um livro sobre as Nações Unidas. Seu legado de milhares de ilustrações é considerado uma das pedras fundamentais da arte do desenho de reportagem, e ainda hoje pode ser visto na cafeteria Bar Topolski, que há algum tempo abrigava *A memória do século*, no South Bank de Londres.

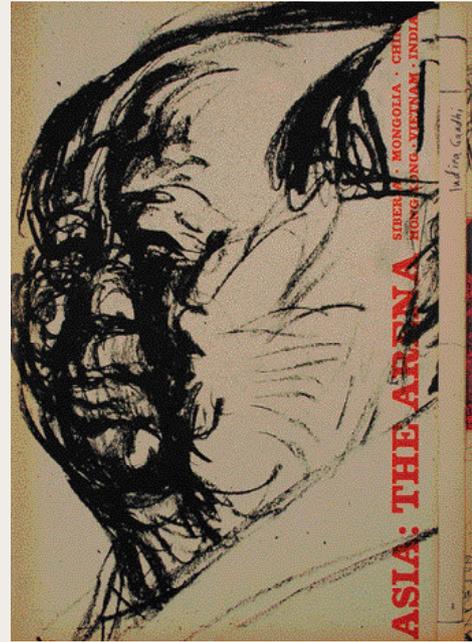


Figura 1.1
Feliks Topolski, *Crônica de Topolski: Ásia, a arena*.
Desenho do Presidente Mao Tsé-Tung. ©Legado de Feliks Topolski.

Figura 1.2
Audrey Hawkins,
Sem justiça não há paz. Audrey Hawkins é um ilustrador de Nova York. Essa ilustração é um exemplo da força de sua estratégia jornalística, que busca registrar a tatalidade e energia de um evento.



Os antecedentes históricos

As diferentes maneiras pelas quais as imagens jornalísticas são criadas, utilizadas e interpretadas têm mudado ao longo da história. Antigamente, o imaginário registrado à mão livre por meio de desenhos, pinturas e/ou gravuras oferecia uma maneira de observação e documentação dos eventos. As instituições e os indivíduos poderosos muitas vezes encomendavam obras de arte que promoviam seus pontos de vista particulares. Evidências de jornais visuais podem ser encontradas em registros de muitos séculos atrás, como nos pergaminhos pintados na dinastia Sung japonesa (960-1280 d.C.). Contudo, seria impossível retratarmos com fidelidade a riquíssima história da reportagem visual, pois ela ocuparia todo um volume, e o foco de nosso livro é a prática atual. Apresentaremos, por conseguinte, uma pequena amostra dos artistas dos séculos XIX e XX, desculpando-nos pelos inúmeros que deixamos de incluir nessa seção.

Durante todo o século XVIII e até o final do XIX, grandes expedições navais exploraram as mais longínquas partes do mundo e permitiram a artis-

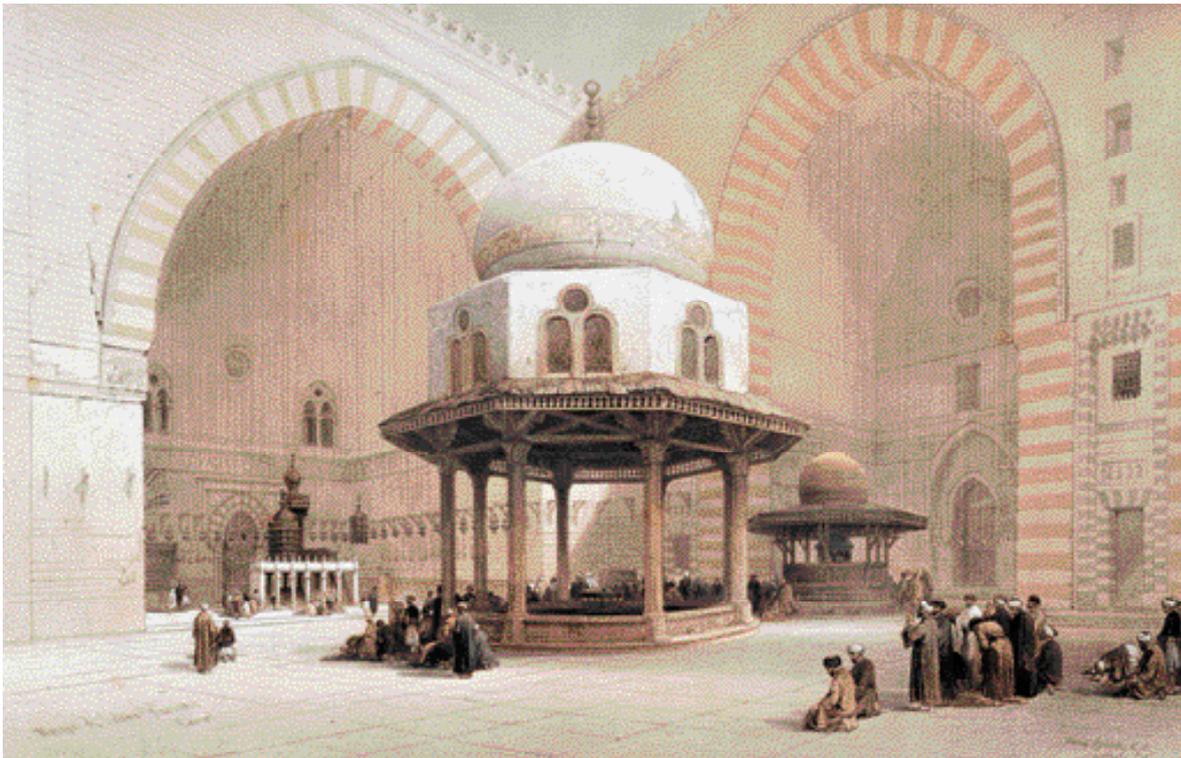


Figura 1.3
David Roberts,
*Pátio interno
da mesquita do
sultão Hasan.*

Figura 1.4
William
Simpson,
*Cozinha do
Castelo de
Windsor no
Natal, 1894.*
Esta é uma das
ilustrações de
William Simpson
para a revista
*Illustrated
London News.*



tas talentosos, como John Fredrick Lewis, David Roberts, John Sykes, John Webber, William Coke-Smyth e William Simpson, entre outros, viajar a locais que raramente haviam sido documentados. Eles retornaram à Europa e América com desenhos de reportagem que mostravam pessoas e lugares exóticos.

Esse tipo de reportagem se tornou tão popular que a *Illustrated London News*, a revista semanal do mundo, contratou William Simpson como funcionário por volta de 1866 ou 1867, trabalhando até o final de sua carreira. Os primeiros ilustradores de reportagem também registravam a vida cotidiana de pessoas e eventos políticos, além de fazerem sátiras sociais. Nesse período, William Hogarth e Thomas Rowlandson fizeram registros detalhados da vida na Grã-Bretanha, enquanto, no Japão, Katsushika Hokusai documentava seu país por meio de gravuras e desenhos minuciosos. Na França, Gavarni e Daumier trabalhavam tanto com a arte da reportagem visual como com suas tecnologias de reprodução, como a litografia.

Nos Estados Unidos, a litografia era utilizada por Nathaniel Currier e James Merritt Ives, bem como por Louis Maurer, Charles Parsons e George Catlin, que exploraram o Missouri e documentaram os ameríndios em sua *Galeria dos índios*.

Todos eles ilustravam para diversas publicações, inclusive periódicos ilustrados. Alguns trabalhos jamais tinham assinatura – eram publicados como obra de um “repórter-artista profissional”.

Os desenhos de testemunho visual se tornaram cada vez mais populares na virada do século XVIII para o XIX. Esses artistas eram conhecidos como “ilustradores de notícias”. O mais famoso, na Grã-Bretanha, era John Gilbert, que produziu grande quantidade de ilustrações ao longo de sua carreira. Durante a Guerra da Crimeia, Gustav Doré trabalhou baseando-se principalmente em fotografias, enquanto Constantin Guys foi para o fronte em busca da observação de primeira mão. Ao longo da história, os artistas e desenhistas sempre têm sido influenciados pelas inovações tecnológicas e costumam estar entre os primeiros a tirar partido das novidades.

Essas duas abordagens contrastantes – a observação direta e a indireta – continuaram embasando a prática dos artistas. Um exemplo disso pode ser visto na obra de ilustradores como George Bellows, Feliks Topolski, Joan Eardley, Henry Moore, Paul Nash, Ruskin Spear, Alexei Pachomov, Alexander Deineka, Anthony Gross, James Boswell, Edward Bawden, Iri Maruki, Toshiko Akamatsu, Ronald Searle e muitos dos profissionais atuais cujas ilustrações veremos neste livro.

O surgimento da reportagem e a influência do repórter-artista de guerra

As ilustrações dos repórteres de guerra se tornaram uma característica onipresente nos jornais, pois seu conteúdo visual levava o leitor a locais onde eles jamais teriam coragem de ir, e isso vendia mais. Mas essa era uma atividade perigosa – artistas como William Simpson, que cobriu a Guerra Franco-Prussiana, e Joseph Pennell correram muito risco de vida. O perigo não era apenas representado pelas bombas voadoras e pelos projéteis, mas também porque era fatal os repórteres serem confundidos com espiões e alvejados.

Conhecidos como “artistas especiais”, tudo o que precisavam era um sketchbook, alguns

lápiz e habilidade de correr ou escapar de problemas. Entre eles, podemos citar Adolf von Menzel, da Alemanha, além de Charles Keene, Arthur Boyd Houghton, Charles Edwin Fripp e Paul Renouard.

O último dos “artistas especiais” foi Frederic Villiers, ativo durante a Primeira Guerra Mundial. O empenho que depositaram na realidade dos acontecimentos que se desenrolavam no campo de batalha e na realidade da vida de um soldado foi uma influência inesperada nos impressionistas franceses, que se encantavam em registrar cenas da vida diária. As obras dos impressionistas tinham forte senso de tutilidade, e seus temas variavam muito. Todavia, seus métodos de desenho e pintura desafiavam o que era aceito como “boa” pintura pelas academias francesas de arte. Os impressionistas não somente se envolviam com a crua realidade social, como muitos deles também se dedicavam ao estudo e uso dos processos de produção de massa de sua época.



Figura 1.5
John Gilbert,
Salteadores



Figura 1.6
Frederic Villiers,
*Um ataque
britânico usando
baionetas e uma
granada*. Villiers
foi o último
dos “artistas
especiais”.

SIMPLICISSIMUS

VERLAG VON DR. B. WIRTH KOMMUNIKATIONSGESSELLSCHAFT, HERZHEN

Churchill und die Neutralen - Churchill e i neutrali

gestrich

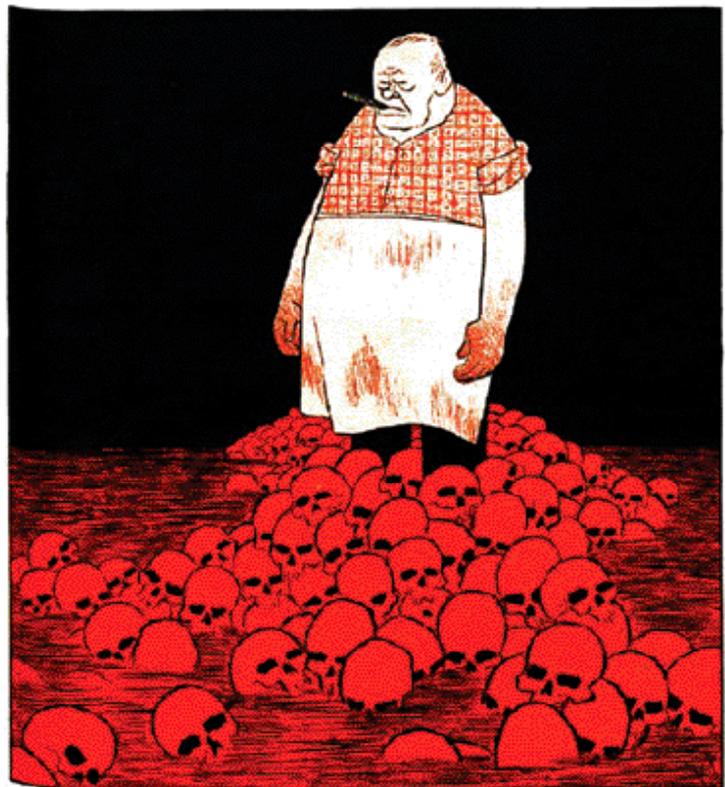


Figura 1.7
Capa da *Simplicissimus*. Esta capa da
revista alemã *Simplicissimus* retrata
Churchill em um rio de sangue e
caveiras.

As obras de Lautrec, Degas, Manet e Gauguin podiam ser vistas em cartazes e revistas.

No início do século passado, a Europa estava efervescente em termos artísticos, e sua arte havia saído das galerias para as revistas e outras mídias de grande circulação. Os desenhos de reportagem tornaram-se ousados e expressivos, frequentemente analisando o lado obscuro da sociedade. Revistas como *Der Strum* e *Simplicissimus* influenciaram revistas norte-americanas, como *The Masses*, a adotar em suas edições desenhos com conteúdo analítico e sátiras cada vez mais afiadas. Essas revistas publicavam ilustrações extremamente perspicazes, cada vez mais apontando para as crescentes tensões ao redor do mundo. Os ciclos econômicos globais em que os afluentes cada vez se tornavam mais ricos, e os pobres, mais miseráveis e explorados, resultavam no agravamento das tensões, que, por sua vez, conduziam a novos conflitos. Na Europa, essas tensões levaram às Primeira e Segunda Guerra Mundial.

Os eventos que levaram à Segunda Grande Guerra por meio da ascensão do nazismo trouxeram novas oportunidades para o uso da arte em prol da propaganda do governo. Em resposta a essa situação, artistas como George Grosz e Otto Dix usaram a ilustração de reportagem para mostrar o verdadeiro sacrifício dos soldados no fronte.

Por exemplo, a pintura *Hora da refeição na trincheira*, de Otto Dix, mostrava corpos despedaçados em uma paisagem arruinada pela guerra. Isso era chamado de “arte degenerada”. Max Beckmann, Eric Kennington, Ludwig Meidner, Jean Galtier-Boissiere, Wladimiroff, Andre Dunoyer de Segonzac, Jean D'Espouy, Miklos Vadasz e o de curta carreira artística Fritz Koch-Gotha relataram o verdadeiro impacto dos conflitos. A obra da artista Käthe Kollwitz serviu para documentar a experiência horrível da guerra sobre as mulheres e suas famílias. As vozes das mulheres e o emergente movimento das sufragettes em prol do direito de voto feminino encontraram na



Figura 1.8
Käthe Kollwitz, *Desenho de uma mãe com crianças* na revista alemã semanal *Simplicissimus*, 1924. A obra de Kollwitz oferece-nos um retrato pungente de como as mulheres e suas famílias vivenciam a guerra.



Figura 1.9
Otto Dix, *Hora da refeição na trincheira*, parte da retrospectiva da obra do artista na Neue Galerie. Dix nasceu na Alemanha em 1891 e participou da Primeira Guerra Mundial.

ilustração de reportagem uma poderosa plataforma.

Na Grã-Bretanha, Kenneth Clark, o diretor da National Gallery, dedicou-se a evitar que mais uma geração de artistas fosse perdida pela guerra. Ele contratou artistas como Paul Nash, Stanley Spencer, entre muitos outros, para observar e documentar a vida cotidiana das pessoas a fim de encorajar a capacidade de recuperação dos britânicos e unir o país no espírito bélico de envolver todas as pessoas.

Essas imagens relatam como a guerra afetou e reconfigurou as atividades diárias das pessoas, seja retratando tarefas cotidianas muito banais, seja chamando atenção para o horror dos bombardeios aéreos. Um exemplo disso são os desenhos que Henry Moore fez de civis se abraçando uns aos outros dentro de um abrigo antiaéreo. Sob tais circunstâncias, o jornalismo de Edward Ardizzone e Eric William Ravillious foi utilizado para fazer com que as pessoas refletis-

sem sobre seu dia a dia. Isso reconfortava o público – a vida podia continuar como se a situação fosse normal.

As ilustrações das reportagens expunham pessoas a imagens terríveis que seriam difíceis de acreditar. A liberação dos campos de concentração evidenciou crueldades bárbaras em uma escala industrial.

Após a Segunda Guerra Mundial, artistas que estavam incorporados às Forças Armadas, como Paul Hogarth – hoje considerado um dos fundadores da reportagem moderna –, viajaram extensamente para documentar a reconstrução e recuperação do mundo pós-guerra. Sua obra é, ao mesmo tempo, fonte de inspiração e de esperança para que os seres humanos almejem viver de maneira civilizada uns com os outros. Contudo, as lutas e o desenrolar da vida cotidiana continuaram mostrando desafios. Basta lembrar dos Estados Unidos na década de 1940, quando ainda sofria com a Grande Depressão.

Figura 1.10
Paul Hogarth,
Coney Island.
Paul Hogarth foi
considerado um
dos fundadores
da reportagem
artística
moderna.

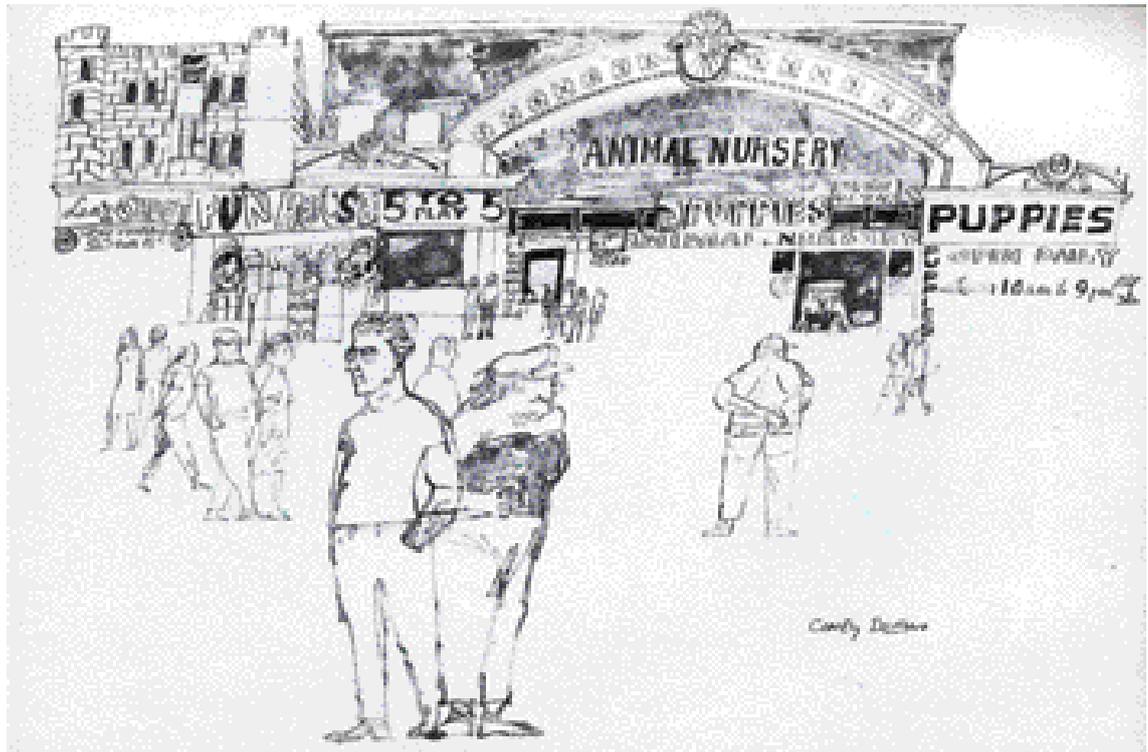




Figura 1.11

Ben Shahn, *Desemprego*. As pinturas de Shahn retratam o sofrimento de muitas famílias norte-americanas durante a Grande Depressão.

A Segunda Guerra Mundial, ou, sendo mais precisos, a capacidade norte-americana de vender suprimentos bélicos para seus aliados, ajudou a tirar o país de seu desalento econômico por meio da manufatura e mecanização. Nas muitas vezes em que as pessoas falam em “engrandecer a América de novo”, elas estão se referindo a esse período entre o final da Guerra e a década de 1960. No entanto, isso teve seu custo social, pois os Estados Unidos criaram uma subclasse de trabalhadores não-qualificados, que viviam na pobreza, especialmente os operários que não eram brancos. A luta desses indivíduos foi registrada

por Bellin, Willem de Kooning, Olin Dows e Ben Shahn, bem como pela obra de artistas negros da época, como Charles Alston, Horace Pippin, John Brown, William H. Johnson e Charles Sebree. Infelizmente, essas manifestações artísticas muitas vezes são subestimadas, embora talvez sejam equivalentes às do período das obras de reportagem britânicas durante a Segunda Guerra Mundial. Depois veio a reportagem da Guerra do Vietnã, dominada pela fotografia, que, como meio de comunicação de massa, ajudou a expor as contradições intrínsecas às condutas norte-americanas nas guerras.

A câmera e o olho

Uma diferença-chave entre a lente da câmera e o olho humano é que, por meio do desenho e da pintura, o artista interpreta diretamente o que observa: desenhar ou pintar é, ao mesmo tempo, pensar e executar um processo físico. Isso permite ao artista pictórico ser seletivo, enquanto a natureza da câmera de “enquadra e tira” captura tudo e depois passa por uma edição. Em oposição, o artista seleciona o que deseja representar à medida que traça e pinta. Isso tem o efeito de direcionar a atenção do observador ao ponto crucial da história. É por isso que a reportagem por meio da ilustração como meio de registrar a guerra, fazer documentários sociais, registrar a vida na cidade (urban sketching) e relatar uma audiência judicial têm se

mantido parte vital das mídias de massa e suas formas de arte.

O artista que trabalha com reportagens possui um lugar único nessa maneira de documentação dos eventos mundiais. Como veremos, a arte da reportagem oferece uma grande variedade de linguagens e técnicas. Nos capítulos a seguir, apresentaremos as ideias, abordagens e técnicas de alguns dos melhores profissionais da ilustração de reportagem, bem como artistas emergentes na área. Embora tenhamos incluído uma enorme diversidade de artistas e ilustradores, não seria possível apresentar exemplos de todos os profissionais envolvidos com reportagens. Além daqueles mencionados e apresentados nesta obra, destacamos o trabalho de Ralph Steadman, Chris Corr, Robin Harris, John Glashan, Sol Robbins, Molly Crabapple, David Gentleman, Marshall Arisman, Anita Kunz, Matthew Cook, Linda Kitson, Matthew Johnson e Andrzej Klimowski.

Figura 1.12
Rachel Gannon,
desenho no
voo, no espaço
urbano. Este
é um exemplo
da abordagem
que muitos
ilustradores de
reportagem têm
adotado. Esse
tipo de artista
desenha em
movimento, às
vezes usando
uma linha
contínua para
gerar a imagem
desenhada.

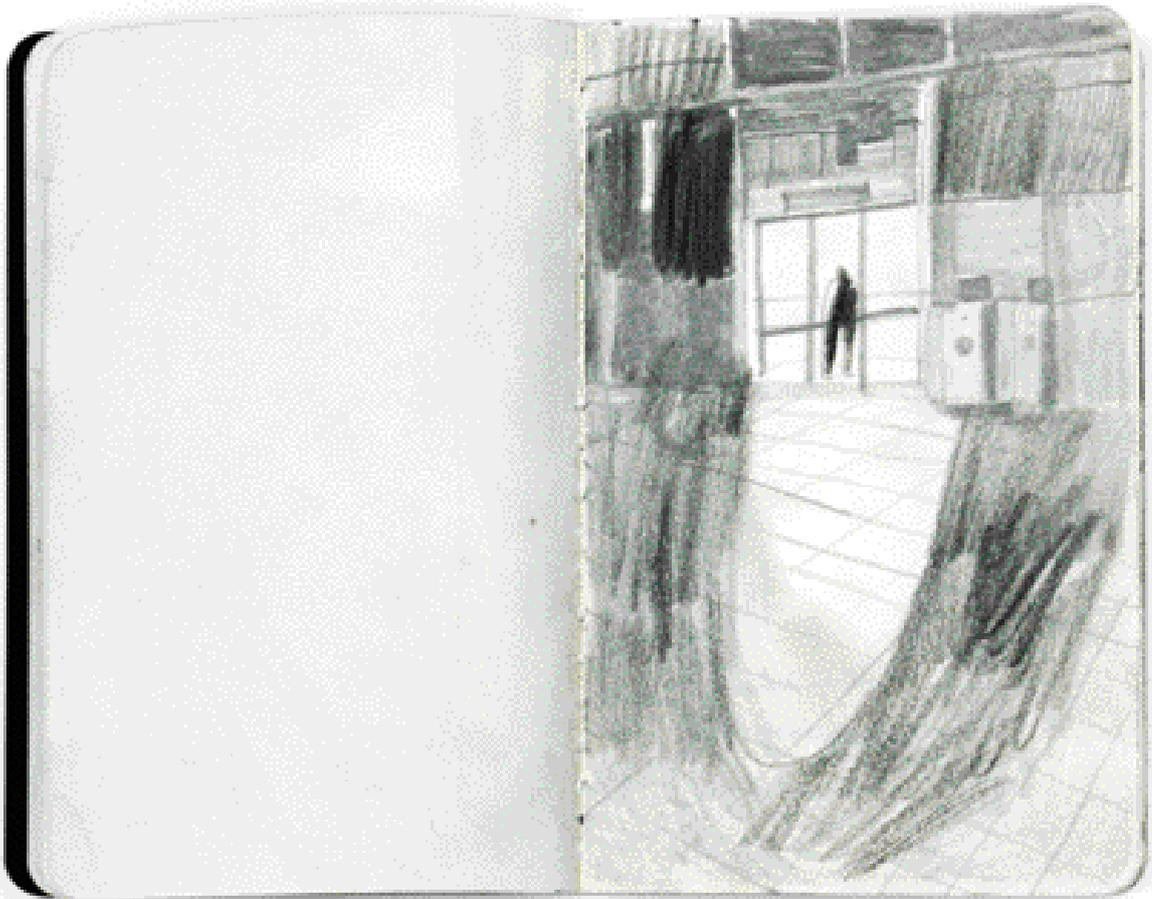




Figura 1.13
Joe Munro,
Cozinha do Centro Comunitário de Easton.
Munro usa carvão vegetal, grafite, canetas e nanquim para registrar a atividade de uma cozinha de Bristol utilizada pela organização não-governamental Foodcycle para cozinhar com sobras de alimentos para pessoas em situação de vulnerabilidade.



Figura 1.14
Mario Minichiello,
Bar em Sydney.
Este desenho pertence a uma série elaborada para a conferência dos líderes internacionais da APEC em Sydney em 2007 (publicada pelo *Sydney Morning Herald*). Alguns dos outros desenhos da série relatam diretamente as atividades dos líderes da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC). Esse desenho usa um ponto de vista singular ao observar o impacto do evento na vida cotidiana de Sydney, neste caso em um bar ao ar livre.